



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOSÉ WELLINGTON FARIAS DA SILVA

**A AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR E A CONSTRUÇÃO DA PERCEÇÃO
SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Campina Grande – PB
2014

JOSÉ WELLINGTON FARIAS DA SILVA

**A AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR E A CONSTRUÇÃO DA PERCEPÇÃO
SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviços Públicos do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: **Prof^a. Ms. Juliana Nóbrega de Almeida**

Campina Grande – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, José Wellington Farias da
A Aula de campo interdisciplinar e a construção da percepção socioespacial no ensino de geografia [manuscrito] / José Wellington Farias da Silva. - 2014.
47 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof^ª. Juliana Nóbrega de Almeida, Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia. 2. Aula de Campo Interdisciplinar.
3. Percepção Socioespacial I. Título.

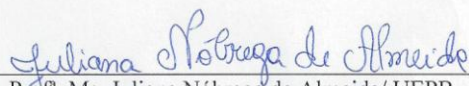
21. ed. CDD 372.891

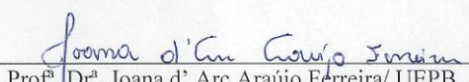
JOSÉ WELLINGTON FARIAS DA SILVA

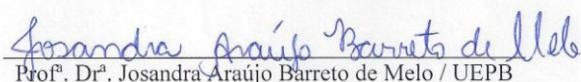
**A AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR E A CONSTRUÇÃO DA PERCEPÇÃO
SOCIOESPACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviços Públicos do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 22/11 /2014.


Prof.^a. Ms. Juliana Nóbrega de Almeida/ UEPB
Orientadora


Prof.^a. Dr.^a. Joana d' Arc Araújo Ferreira/ UEPB
Examinadora


Prof.^a. Dr.^a. Josandra Araújo Barreto de Melo / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, aos meus pais Maria do Desterro Farias da Silva e Argemiro Gustavo da Silva Filho, e aos meus irmãos Wesley Hamon Farias da Silva e Clara Izabeli Farias da Silva, que compartilharam todo processo construtivo do mesmo, assim como todo o meu desempenho ao longo da especialização, apoiando-me e ajudando sempre que possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta caminhada, pois o que seria de mim sem a fé que tenho nele.

Aos meus pais Maria do Desterro Farias da Silva e Argemiro Gustavo da Silva Filho e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

A professora Ms. Juliana Nóbrega de Almeida, pela paciência na orientação tornando possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a coordenação do curso e a todos os professores que foram de grande importância nessa etapa da minha vida acadêmica e profissional.

Aos professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva.

Aos amigos e colegas pelo apoio constantes, em especial a Izanete de Lima e Karla Almeida pela ajuda e companheirismo durante todo o curso.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Paulo Freire

RESUMO

SILVA, José Wellington Farias da. **A aula de campo interdisciplinar e a construção da percepção socioespacial no ensino de Geografia**. Campina Grande, UEPB, 2014, 47 p. (Monografia para Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares).

O presente trabalho tem como objeto de estudo a aula de campo no ensino de Geografia. Uma vez que, no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na disciplina de Geografia, surge a necessidade de se pensar em uma prática educacional que respeite a autonomia do aluno na construção do conhecimento, tendo o professor como mediador, considerando a realidade socioeconômica que a comunidade escolar faz parte, assim como, o dia-a-dia dos próprios estudantes; a pesquisa justifica-se pelo fato do estudo de campo, quando trabalhado como um método didático interdisciplinar, amplia a visão e a compreensão do aluno em relação ao espaço geográfico, por meio da interação com o meio sociocultural, o que facilita a contextualização dos conteúdos disciplinares, entre si, e com o cotidiano. Dessa forma, o objetivo principal do trabalho, é compreender a importância do estudo de campo na construção da percepção socioespacial do aluno, ressaltando o desenvolvimento de tal prática em uma perspectiva interdisciplinar. A partir da corrente fenomenológica, o trabalho baseia-se em uma pesquisa-ação, de abordagem quali-quantitativa, tendo como público alvo alunos do 1º ano e 2º ano do Ensino Médio da Escola E. E. F. M. Joana Emília da Silva, no município de Fagundes-PB, os quais participaram de uma aula de campo desenvolvida na disciplina de Geografia, em parceria com as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Biologia, realizado no Sítio Arqueológico Pedra de Sando Antônio, principal ponto turístico do município. A pesquisa, de cunho bibliográfico e campo, contou com a aplicação de questionários direcionados aos alunos e professores envolvidos na aula, um levantamento teórico-conceitual referente a prática interdisciplinar da aula de campo no ensino de Geografia socioconstrutivista e, a concepção de espaço geográfico, percebido como espaço vivido do indivíduo. Assim, pode-se considerar que, além de possibilitar a espacialização dos fenômenos estudados em sala de aula, o estudo de campo proporciona aos alunos diferentes visões sobre um mesmo objeto de estudo ou conteúdo, contribuindo também, para o desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno. Nessa perspectiva, a educação e o processo de ensino e aprendizagem se dão de forma coletiva e participativa, pois o professor assume a posição de orientador, enquanto que o aluno passa a ser visto como sujeito do seu próprio processo construtivo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Aula de campo interdisciplinar; Percepção socioespacial.

ABSTRACT

SILVA, José Wellington Farias da. **The interdisciplinary outdoor class and the construction of socio-spatial perception in Geography teaching**. Campina Grande, UEPB, 2014, 47 p. (Monograph for Foundations of Education Specialization: Interdisciplinary Pedagogical Practices).

The present work has as its object of study the outdoor class in the teaching of Geography. Once, in the process of teaching and learning, particularly in the discipline of geography, arises the need to think of an educational practice that respects the autonomy of the learner in constructing knowledge, having the teacher as mediator, considering the economic reality that the school community is a part, as well as the day-to-day life of the students themselves; the research is justified by the fact that the field study, when working as an interdisciplinary teaching method expands the vision and understanding of the student in relation to geographical space, through interaction with the socio-cultural environment, which facilitates the contextualization of the subject matter among themselves and with everyday. Thus, the main objective is to understand the importance of field study in the construction of socio-spatial perception of students, emphasizing the development of this practice in an interdisciplinary perspective. Based on the phenomenological current work, this study relies on an action research, with a qualitative-quantitative approach, having as target students of 1st year and 2nd years of High School at Joana Emília da Silva school in Fagundes - PB, these students attended an outdoor class developed in the discipline of geography, in partnership with the disciplines of History, Philosophy, Sociology and Biology, held at Ancient St. Antonio's Rock, main tourist spot of the city. The research, with bibliographic nature and field, included the use of questionnaires targeted to students and teachers involved in the class, a theoretical-conceptual survey of interdisciplinary practice of the field class in teaching social constructivist Geography, and the conception of geographical space, perceived as lived space of the individual. Where it was found that, besides enabling the spatial distribution of phenomena studied in the living space, the field study gives students different views of the same subject matter or content, thus contributing to the development of their critical and reflective sense. From this perspective, education and the process of teaching and learning occur in a collective and participatory manner, because the teacher assumes the role of mentor, while the student is seen as a subject of its own construction process.

Keywords: Geography teaching; Interdisciplinary outdoor class; Socio-spatial perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Fachada da E. E. E. F. M. Joana Emília da Silva – 2014.....	28
Figura 02: Relevo ondulado e vegetação típica da Serra do Bodopitá, no planalto da Borborema, em Fagundes – 2014.....	32
Figura 03: Açude José Rodrigues de Freitas, município de Campina Grande-PB, visto do alto do Sítio Arqueológico – 2014.....	32
Figura 04: Festa da Pedra de Santo Antônio - 2012.....	33
Figura 05: 16º Romaria do Migrante – 2011.....	33
Figura 06: Estabelecimentos comerciais no topo das encostas – 2014.....	33
Figura 07: Especulação imobiliária ao entorno do Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio – 2014.....	33
Figura 08: Alunos e Professores em frente a Pedra de Santo Antônio – 2014.....	34
Figura 09: Alunos passando por baixo da Pedra de Santo Antônio – 2014.....	34
Figura 10: Trilha ecológica na zona rural de Fagundes – 2014.....	35
Figura 11: Alunos e professores durante a aula de campo – 2014.....	35

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 01: Estrutura física da E. E. E. F. M. Joana Emília da Silva – 2014.....	29
Quadro 02: Relação de professores presentes na aula de campo e suas respectivas disciplinas – 2014.....	30
Quadro 03: Quantidade de alunos envolvidos na aula de campo e suas respectivas séries – 2014.....	31
Gráfico 01: Faixa etária dos alunos que participaram da aula de campo – 2014.....	31
Gráfico 02: Percentual dos alunos em relação a ser a primeira vez que participam de uma aula de campo na disciplina de Geografia – 2014.....	36
Gráfico 03: Percentual de professores em relação a ser a primeira vez que utilizam a aula de campo em sua prática pedagógica – 2014.....	37
Gráfico 03: Percentual de professores em relação a já terem realizado aulas de campo em uma metodologia interdisciplinar – 2014.....	37

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Km – Quilômetro

m - Metro

MEC - Ministério da Educação e Cultura

p. - Página

PB – Paraíba

PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNE - Programa Nacional de Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PPP - Projeto Político Pedagógico

s/n – Sem número

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ENSINO DE GEOGRAFIA, AULA DE CAMPO E PERCPEÇÃO SOCIOESPACIAL	15
2.1 O espaço geográfico como espaço vivido do indivíduo	15
2.2 O ensino de Geografia em uma visão socioconstrutivista	20
2.3 A aula de campo interdisciplinar e a construção da percepção socioespacial	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	26
4 A AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR: O caso da Escola E. E. F. M. Joana Emília da Silva no município de Fagundes-PB	28
4.1 Caracterização da escola-campo.....	28
4.2 Perfil dos alunos e professores envolvidos na aula de campo.....	30
4.3 Caracterização do Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio.....	32
4.4 A aula de campo interdisciplinar: planejamento, prática e seus efeitos	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICES	
Apêndice A – Questionário I	
Apêndice B – Questionário II	

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais instituições ligada à educação e a formação do cidadão, é a escola. Nesse contexto, entre as disciplinas escolares, a Geografia destaca-se, pois seus conceitos e conteúdos estão diretamente relacionados à realidade ou ao cotidiano dos alunos, onde, o professor dessa disciplina tem o importante papel de influenciar na formação de um cidadão ligado a sociedade que pertence, percebendo-se como agente transformador do meio, já que a Geografia estuda o espaço geográfico a partir das relações entre a sociedade e o meio e, a sociedade com si mesma.

Sobre a concepção da Geografia humanista e cultural, o espaço geográfico é definido como o espaço do homem ou espaço do indivíduo, onde a produção espacial se dá a partir da vivência do ser humano em sociedade, que ao poucos modifica e organiza o espaço de acordo com seus hábitos e cresças, ou seja, sua cultura expressa em suas práticas espaciais, sendo essas de grande importância no processo caracterização do lugar.

Nessa perspectiva, o ensino de Geografia passa a constituir uma base teórica-conceitual sem se distanciar da realidade que os estudantes pertencem, considerando a percepção espacial dos mesmos, a qual é fundamentada principalmente no senso comum e na vivência deles com o meio, configurando o processo de ensino e aprendizagem como uma trajetória construtiva traçada por alunos e professores.

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o espaço geográfico e, principalmente, a forma como o estudante o enxerga, a intenção dessa pesquisa é dar centralidade a prática pedagógica de Geografia, trazendo como elemento central a aula de campo, a partir do olhar do aluno e de sua compreensão sobre o meio. Compreendendo assim, a aula de campo como método interdisciplinar indispensável para construção crítica e reflexiva dos alunos em relação ao espaço vivido, contribuindo para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, a partir do contexto e dos elementos espaciais em que os mesmos estão inseridos.

A pesquisa justifica-se pelo fato da aula de campo se fazer necessária, sobretudo no ensino de Geografia, pois possibilita aos alunos, por meio da interação com o meio, a ampliação sua percepção sociaespacial. Porém, essa contribuição se torna mais eficaz, quando a aula é realizada em conjunto com professores de outras disciplinas, ou seja, de forma interdisciplinar, facilitando a interação entre os conteúdos disciplinares e sua contextualização

no cotidiano, ou seja, os alunos constroem uma visão mais ampla sobre o espaço geográfico e seus diferentes aspectos.

Assim, o objeto de estudo foi uma aula de campo interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de Geografia, Sociologia, Filosofia, História e Biologia, desenvolvida com estudantes do 1º ano e do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva localizada na cidade de Fagundes. A aula foi realizada no principal ponto turístico do município, o Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio, sendo o lugar, palco de manifestações socioculturais de cunho religioso que perdura a mais de um século, as quais passaram a ser o principal motivador das transformações e produção espacial local.

A aula de campo teve por finalidade a construção da percepção social e espacial dos alunos, proporcionando aos mesmos, conhecimento necessário para entenderem o espaço geográfico como produto dos processos socioculturais ao longo da história da humanidade, a qual o transforma, organiza-o e reorganiza-o conforme suas necessidades diárias. Assim, busca-se entender o espaço como resultado da ação social, baseada em seus princípios culturais, no decorrer de um processo histórico-produtivo.

O mesmo divide-se em três partes, a primeira referente a uma discussão conceitual sobre ensino de Geografia, aula de campo e percepção socioespacial, destacando a inter-relação entre esses três elementos, tendo o ensino de Geografia em uma visão socioconstrutivista, o espaço geográfico como espaço vivido e a aula de campo como método pedagógico interdisciplinar. A segunda destaca os procedimentos metodológicos adotados. E por fim, a terceira parte objetiva-se em relacionar o conhecimento teórico-conceitual com os dados adquiridos e fenômenos observados ao longo da pesquisa, apresentando os resultados e discussões referentes a análise, podendo ser base para futuras construções relacionadas a essa temática ou a esse objeto de estudo.

2 ENSINO DE GEOGRAFIA, AULA DE CAMPO E PERCEPÇÃO SOCIOESPACIAL

2.1 O espaço geográfico percebido como espaço vivido do indivíduo

Entre os desafios da Geografia, seja como ciência ou disciplina, é conceituar espaço, uma das suas principais categorias de análise. Definir um conceito para espaço geográfico é uma tarefa que requer muita leitura e discussão. O espaço destaca-se como um conceito-chave da Geografia, pois a partir dele podemos discutir a respeito das outras categorias da Geografia como, paisagem, lugar, território e região. Cada corrente do pensamento geográfico, cada autor, a cada momento, apresentam diferentes propostas para essa categoria.

Na Geografia tradicional eram vistas como as principais categorias de análise da Geografia a paisagem e a região, sendo seu estudo baseado a princípio no Determinismo Ambiental e em seguida no Possibilismo. O espaço por sua vez não era considerado um conceito-chave na ciência geográfica, porém segundo Corrêa (2008) tal conceito era definido de formas diferentes por Ratzel e Hartshorne, ao desenvolverem com quadros de referências conceitos fundamentais ao afirmarem que:

Trata-se do conceito de território e de espaço vital, [...]. O primeiro vincula-se à apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo, enquanto o segundo expressa as necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais (CORRÊA, 2008, p.18).

Para Ratzel o espaço era visto de duas formas, a primeira como um lugar de controle e dominação de um grupo social, e a segunda como um lugar modificado de acordo com as necessidades sociais. Já para Hartshorne tal categoria é analisada no sentido de área ou espaço absoluto, total, que não foi criado pelos fenômenos espaciais, mas simplesmente abriga esses fenômenos. Na visão hartshormiana o espaço é absoluto, isto é, aparece como um receptáculo.

Porém, quando o espaço geográfico passa a ser percebido como espaço vivido, ele caracteriza-se como a representação ou materialização da identidade cultural daqueles que ali vivem, passando a ser visto como lugar familiar, sobre o qual é atribuído uma noção de pertencimento e afetividade, onde se desenvolve relações espaciais entre seres humanos em comunidade e entre essa comunidade e o próprio lugar, uma vez que o ato de produzir fortalece ainda mais esses laços sociais e espaciais. Como afirma Rosendahl (2003, p. 205): “O processo de criação contribui para que lugares e objetos se tornem parte de nossa auto-

identidade, assim como o contato repetido, a familiaridade com o lugar e a experiência partilhada”.

Concordando com Corrêa (2008) e Rosendahl (2003), Santos (1988) também define o espaço geográfico como um espaço produzido a partir da vivência e convivência de um determinado grupo, considerando a ação do ser humano sobre o meio, e destaca esse espaço como um conjunto de elementos naturais e artificiais ou culturais, que mantêm relações entre se, e através de suas funções, com o próprio ser humano, Ou seja, para Santos (1988):

O espaço seria um conjunto de objetivos e de relações que se realizam sobre esses objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1988, p.71).

Buscando definir um conceito para tal categoria, entre vários autores, também Corrêa (1987), enfatiza a evolução do pensamento geográfico. Vendo o espaço geográfico como essa produção humana, ele destaca o Possibilismo onde a relação homem/natureza ganha uma nova configuração, diferente do Determinismo Ambiental em que o ser humano era submisso a natureza, esse homem passa a atuar sobre ela segundo sua vontade. Após um paralelo entre as demais correntes, Nova Geografia, Geografia Crítica, Corrêa (1987) considera o espaço geográfico como espaço do homem:

O longo processo de organização da sociedade deu-se concomitantemente à transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estrada de ferro, mina, voçorocas, parques nacionais, shopping centers etc. Estas obras do homem são as suas marcas apresentando um determinado padrão de localização que é próprio a cada sociedade. Organização espacialmente, constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade ou, simplesmente, o espaço geográfico (CORRÊA, 1987, p.52).

Na perspectiva da Geografia Humanística, que ressalta o espaço geográfico como espaço do homem ou espaço vivido do indivíduo, destaca-se Yi-Fu Tuan (1983), pra o qual o espaço caracteriza-se como o lugar vivido do indivíduo, pois o mesmo resulta de “uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais [...]” (1983, p. 203). Nessa concepção de espaço-lugar, o mesmo, torna-se palco e produto de experiências humanas baseadas na relação sociedade/sociedade e sociedade/natureza, onde a produção espacial se dá a partir da vivência do ser humano em sociedade que aos poucos modifica e organiza o espaço de acordo com seus hábitos, cresças, ou seja, sua cultura

expressa em suas práticas espaciais, sendo essas de grande importância no processo de caracterização do lugar.

É importante ressaltar que a sociedade que transforma o espaço, percebendo-o e concebendo-o como um lugar de vivências e experiências particulares e coletivas, é formada por vários grupos, os dominados e os que dominam. Nesse aspecto, conforme destaca Corrêa (1987), o espaço geográfico também pode ser definido como área de ação e controle, ganhando uma noção de território.

Uma classe dominante desempenha a ação de controlar o lugar, organizando-o de acordo com seus critérios e objetivos, envolvendo os conflitos sociais e econômicos, ocorridos naquela área, ao longo de sua história. Caracterizando e diferenciando cada vez mais os territórios, que juntos compõem esse espaço, sendo o mesmo, um resultado das relações dos diferentes tipos de poder, exercidos em cada uma dessas partes. Como acrescenta Haesbaert (2010, p. 132): “O espaço geográfico seria constituído, em primeiro lugar, por uma multiplicidade de tipos de territórios, através das diferentes relações de poder desencadeadas pelas mais distintas instituições e grupos sociais”.

Ainda a respeito do conceito de espaço, é necessário enfatizar a concepção de Doreen Massey (2008), a qual deixa claro que o espaço é algo contínuo, interligado com o tempo, e sempre passando por mudanças. Concordando com os demais autores, entendendo o espaço como um produto das inter-relações entre os componentes do todo, e são justamente essas inter-relações que iram produzir a especificidade de cada lugar.

Concluindo que se espaço e tempo, estão ligados, é correto afirmar que o espaço não é morto, pois essa relação espaço-tempo proporciona ao espaço condições de produção e reprodução, através dos diversos grupos sociais que por ali viveram e vivem, constituindo um contínuo processo de construção. Ainda, de acordo com Massey (2008, p. 56): “[...] o espaço conquista o tempo ao ser estabelecido com a representação da história/vida/o mundo real”. Assim a representação é uma das formas de se analisar o espaço, e para completar essa análise é preciso delimitar esse espaço fazendo um corte no tempo. Sendo assim, o espaço geográfico é entendido como produto histórico, resultado dos atos das sociedades desde a origem da humanidade.

A forma como o espaço está organizado, expressa as práticas sociais e econômicas dos grupos que vivem ou viveram, em uma determinada área, refletindo a cultura, a forma com essa sociedade modificou e modifica o espaço ao longo do tempo. Assim o espaço geográfico é compreendido como uma produção histórica, resultado do trabalho do ser humano ao se relacionar com o meio, modificando-o para suprir suas necessidades, onde os grupos sociais

são motivados e direcionados por uma ideologia socioeconômica e influenciados por uma determinada cultura.

Dessa forma cada espaço apresenta características diferentes, pois foram organizados por grupos diversos com cultura e necessidades peculiares. Tais características são na verdade marcas da sociedade ou dos vários grupos sociais que ali vive ou viveu em períodos históricos distintos, mais contínuos. As quais podem ser materiais ou não, ou seja, construções e modificações espaciais ou até mesmo hábitos do cotidiano, que além de refletirem as práticas culturais, denunciam as necessidades de cada povo em cada época.

Para Santos (1985, p. 08): “[...] essas necessidades são todas satisfeitas através do ato de produzir. É dessa maneira que se definem as formas de produzir e paralelamente as de consumir. É também assim que se definem os investimentos a serem feitos”. São justamente essas necessidades que determinam o que será produzido, e como vai ser produzido, caracterizando assim o lugar. Essa concepção é reforçada por Corrêa (1987), afirmando que cada espaço apresenta características diferentes, pois foram organizados por grupos diversos, em períodos históricos distintos, mais contínuos. Entendendo o espaço como:

[...] a evolução das relações entre o homem e natureza que, ao longo da história passam de uma adaptação humana a uma ação modeladora pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem e um gênero de vida, ambos próprios e peculiares a cada porção da superfície da terra (CORRÊA, 1987, p.28).

No contexto exposto o autor apresenta um fenômeno importante na caracterização de cada lugar, a peculiaridade, ou conforme Santos (1988), a especificidade, o que é produzido, e mais ainda, como é produzido, tornando cada lugar particular, o qual apresenta fenômenos globais com características locais, mas não isolado, pois o mesmo apresenta relações internas, que estão ligadas às relações externas. No entanto esse ato de produzir está diretamente ligado ao modo de produção predominante em cada período histórico, relacionado a cultura de cada sociedade.

Entre os vários modos de produção já adotados pela sociedade, o que mais se destaca é o Capitalismo. Esse sistema socioeconômico é considerado um fator uniformizante das ações dos seres humanos sobre o meio, as quais se baseiam na produção e no consumo em larga escala, intensificando a exploração da natureza, tendo como impulso a Revolução Industrial, seguida pelo processo de urbanização, avanços na ciência, na tecnológica, nos meios de transporte e comunicação, e uma crescente globalização, entre outros fatores, tornando os

lugares mais especializados, uma vez que os avanços tecnológicos aumentam a capacidade do ser humano se apossar e transformar o espaço.

Na medida em que a sociedade vai transformando esse espaço, no decorrer da história da humanidade, conforme cada modo de produção dominante, em cada período, a primeira natureza (natural), é transformada em segunda natureza (artificial), transformando assim, a paisagem natural em paisagem humanizada ou cultural, a qual para Wagner & Mikesell (2003, p. 36): “[...] refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural”. Onde seus elementos se reorganizam com componentes naturais já existentes no lugar, representando um conjunto de formas naturais e humanizadas, herança do processo de trabalho da natureza e de muitas gerações de humanas.

Assim, a paisagem cultural é a materialização das práticas cotidianas da sociedade, e sua análise é de extrema importância para a compreensão da dinâmica temporal e espacial, conforme Cosgrove & Jackson (2003, p. 137) revela que: “[...] significados que os grupos humanos atribuem às áreas e aos lugares, e permite relacionar estes significados a outros aspectos e condições da existência humana”.

Essa produção cultural do espaço acaba caracterizando-o, ainda mais, sendo compreendido como um conjunto de elementos naturais e socioculturais, composto ou constituído por movimentos da sociedade presente, em uma dimensão espaço-temporal. Porém, para que essa produção espacial ocorra é necessária uma reprodução, ou seja, organização e reorganização, construção e desconstrução, e até extinção ou congelamento de elementos ao longo do tempo. Quando um grupo não cria condições de se reproduzir, ou não preserva suas marcas no espaço por meio de cristalizações, é esquecido, sendo sua cultura engolida pelas práticas de grupos mais desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento. Ideia essa defendida por Corrêa (1987) ao enfatizar que:

[...] pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. A sociedade concreta cria seu espaço geográfico para se realizar e reproduzir, para ela própria se repetir. Para isso, cria formas duradouras que se cristalizam sobre a superfície da terra. Caso contrário [...], a sociedade se extinguiria (CORRÊA, 1987, p.57).

Tais cristalizações ocorrem, pois embora o crescimento esteja ligado ao futuro, ao novo, não se desliga do passado. No entanto, esse crescimento baseia-se sempre nas atitudes do presente, buscando reprodução do espaço, visando dessa forma mudanças, novidades.

Ainda, de acordo com Corrêa (1987, p.55): “[...] é necessário que se criem no próprio processo de produção as condições de sua reprodução, sendo assim, o processo de produção é também de reprodução”. Nessa mesma perspectiva, Massey (2008) argumenta que a mudança espacial trata-se, na verdade, de uma nova produção, a qual é baseada no rearranjo dos elementos que já existe com os novos elementos.

Nesse caso, o espaço praticado jamais deve ser visto como uma entidade concreta ou acabada, pois sua construção está diretamente ligada ao tempo, dando lugar a mudanças. Entendendo-o como renovo, uma produção histórica, onde a sociedade produz e se reproduz, de acordo com seus interesses refletidos em suas práticas cotidianas. Essas práticas são marcadas nesse espaço através de suas construções e organizações, o qual é considerando-o um sistema aberto, pois além das relações internas, estabelece laços externos, de onde recebe influências como também influência, sendo esses fundamentais para o seu funcionamento.

Ao longo dessa trajetória de organização e reorganização é importante atentar para o futuro, para as possibilidades de um crescimento econômico, político e sociocultural, como também é preciso que a sociedade concretize suas ações e seu modo de vida, pois através dessa cristalização ou congelamento dos elementos, é possível analisar o processo de desenvolvimento, e perceber no espaço o conjunto de novos e antigos elementos. Esses antigos elementos podem apresentar novas ou velhas funções, assim como os novos elementos, mudando a cada momento, a estrutura daquele espaço, ou seja, a totalidade espacial.

2.2 O ensino de Geografia em uma visão socioconstrutivista

O ensino de Geografia, além de outros fatores, deve levar em conta a experiência de vida dos estudantes, partindo daquilo que eles já sabem para uma futura construção teórica-conceitual, ou seja, relacionar o conhecimento dos alunos, sobre determinados assuntos e conteúdos, com os conceitos-chave da disciplina, constituindo uma base teórica no processo de ensino-aprendizagem, sem se distanciar da percepção dos alunos, e da realidade a qual eles pertencem.

Assim, relacionar o ensino de Geografia a uma visão socioconstrutivista significa, sobretudo, basear tal ensino a uma metodologia voltada para fenomenologia, partindo do princípio que os estudantes já chegam á escola, com uma noção espacial, fundamentada principalmente no senso comum e em sua vivência com o meio.

Por meio da visão socioconstrutivista, considera-se o ensino a construção de conhecimentos pelo aluno. [...] o sujeito ativo do seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social, o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a interação (encontro/confronto) entre o sujeito (aluno) e o seu objeto de conhecimento (conteúdo escolar) (CAVALCANTI, 2007, p.67).

A partir daí, o professor ocupa a posição de mediador entre o conhecimento do aluno e os conteúdos da Geografia, auxiliando assim, na construção dos conceitos necessários para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, ligando-o as práticas cotidianas dos estudantes. É necessário considerar a experiência de vida do aluno, para que se desenvolva o processo de ensino-aprendizagem, pois só assim a famosa pergunta: Para quê estudamos isso? Passará a ter resposta adequada.

Adquirindo essa postura, o professor passa a respeitar a autonomia do aluno, considerando-o como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Esse, deve se sentir livre para errar, e aprender com seus próprios erros, pois só assim terão consciência do que precisa ser melhorado ou mudado, valorizando suas oportunidades educacionais, contribuindo para o seu crescimento pessoal, emocional e cognitivo.

Participando ativamente da própria construção do seu conhecimento geográfico, o aluno adquire características intelectuais e cognitivas para perceber e compreender a realidade a que pertence, percebendo a mesma, como parte de uma espacialidade global, daí surge a importância de se trabalhar os diferentes níveis de escalas, relacionando sempre os fenômenos globais, com a realidade local, e vice e versa.

Contudo, muitas vezes as aulas de Geografia, como também de outras disciplinas, são vistas, como momentos onde o aluno é forçado a estudar conteúdos e fenômenos que se distanciam do seu cotidiano. Esse caráter de ensino faz com que a Geografia se resuma ao enciclopedismo, com isso, o estudo geográfico é simplesmente decorar detalhes de determinados lugares ou conteúdos, reproduzindo informações e não construindo conhecimentos, limitando a capacidade crítica-reflexiva do aluno.

O enciclopedismo da geografia escolar se centra mais sobre a precisão do detalhe [...] que sobre a totalidade dos fenômenos geográficos. O enciclopedismo contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico, ao mesmo tempo que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a geografia entre as matérias a memorizar (BRABANT, 1998, p.19).

Para quebrar esse enciclopedismo e desmistificar métodos que induzam apenas a memorização de informações, é preciso estabelecer uma ponte entre os conteúdos disciplinares com o que acontece no mundo e, principalmente, com o que vivenciam aos alunos no seu dia-a-dia. A partir daí, o ensino de Geografia deve estar voltado para experiências vividas e representações do aluno, onde o professor destaca-se como mediador entre o sujeito e o objeto do processo de aprendizagem.

Com isso, ensinar passa a ser um ato de intervenção no desenvolvimento crítico-cognitivo do estudante, já que o professor deve criar condições para que o aluno construa seu próprio conhecimento. Contribuindo assim, para uma melhor percepção espacial do meio em que o estudante está inserido, o qual passará a vê o espaço geográfico como um espaço vivido, construído e reconstruído, organizado e reorganizado, de acordo com as necessidades e traços culturais do indivíduo ou dos grupos sociais que ali vive ou viveram.

2.3 A aula de campo interdisciplinar e a construção da percepção socioespacial

Conforme a discussão anterior, para que o ensino de Geografia se efetive de forma concreta na formação de cidadãos cientes da realidade que os cerca, é indispensável uma prática pedagógica contextualizada com o cotidiano. Pois só assim, o ato de aprender passa de uma reprodução, para um processo de transformações, onde o aluno transforma informações em conhecimentos sendo também transformado, isso ocorre porque tais conhecimentos estão na verdade relacionados a sua prática diária, interferindo na forma como o estudante enxerga o mundo e encara seu cotidiano.

Essa interação entre a escola e a vida fora dela, é vista por Castogiovanni (2000), como uma prática ainda tímida, tornando-se um desafio a ser vencido pelos educadores. Sobre isso, o mesmo ressalta que:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses. (CASTROGIOVANNI, 2000, p.15)

Baseando-se em uma prática pedagógica que elege o processo de aprendizagem como um processo produtivo, onde a produção ou construção é feita pelo estudante a partir da orientação do professor. O ensino de Geografia propicia, sobretudo, a construção de uma percepção socioespacial, onde o espaço geográfico é percebido e concebido como espaço vivido. Para tal construção, uma das ferramentas mais eficazes é, sem sombra de dúvidas, a aula de campo trabalhada em uma metodologia que valoriza a autonomia do aluno e sua vivência com o meio.

Para Oliveira & Souza (2009, p. 196) a prática de estudo do meio é classificada como “[...] uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade espacial, realidade social e seu contexto amalgamado material e imaterial de tradições/novidades”. Dessa forma, a partir da afetividade e das experiências de vida de cada estudante, e do coletivo, os fenômenos espaciais são associados aos conteúdos escolares, os quais ganham significados, tanto por meio dos elementos espaciais materiais como pelas manifestações imateriais inerentes a configuração espacial vivenciada. Conforme expressa Figueiredo (2011):

[...] a utilização do trabalho de campo pode ser favorável à construção de novos significados sobre a realidade encontrada no espaço e reduzir o distanciamento da realidade concreta em que vivem os alunos, ou seja, essa estratégia pedagógica pode ampliar as possibilidades de resignificação da dimensão social do espaço, contribuindo para uma renovação da educação geográfica. (FIGUEIREDO, 2011, p. 24)

É necessário considerar o estudo do meio no ensino de Geografia como um método indispensável para compreender melhor a realidade, fazendo sempre um paralelo entre o local e o global, ou melhor, analisando as dimensões locais e globais de um ou vários fenômenos. Desenvolvendo capacidades como a percepção e a concepção, perceber o fenômeno, transformando as informações sobre ele em conhecimentos, agregando significado e se apropriar dos mesmos.

Por meio da aula de campo torna-se prático transformar um fenômeno espacial em fato geográfico, isto é, fazer uma análise geográfica do fenômeno espacial, considerando a relação do mesmo com outros fatores do meio histórico, sociocultural e ambiental. “É necessário, portanto, buscar sempre a totalidade do espaço enquanto dinâmica e processo, relacionando seus elementos enquanto método, não perdendo de vista o conjunto e o contexto”. (SERPA, 2006, p. 11). Pois quando se trata de Geografia, sobretudo de percepção espacial, o fenômeno

deve ser estudado em sua amplitude, levando em conta diversos aspectos, que de forma direta ou indireta, se relacionam com o mesmo interferindo em sua configuração tempo-espacial.

Para tanto, os conhecimentos cartográficos destacam-se como uma importante ferramenta para a representação e a compreensão do fenômeno estudado, levando o aluno ao entendimento e utilização de uma nova forma de linguagem, no entanto para que isso ocorra, é necessário que o professor alfabetize seus alunos cartograficamente, processo esse se pratica antes, durante e depois da aula de campo.

O primeiro passo é fazer com que os alunos percebam a diferença entre a linguagem escrita e a linguagem visual, utilizando a visão como instrumento de análise. Depois é importante esclarecer a função de cada elemento do mapa para assim compreendê-lo, entendendo a dimensão real do fenômeno representado. Por fim, relacionar, associar ou até comparar a representação cartográfica com outros fenômenos ou situações do seu cotidiano, e com conteúdos já estudados. Assim os estudantes compreenderão a importância da cartografia na análise geográfica, sobretudo, em seu dia a dia.

Levando em conta as considerações acima, Figueiredo (2011) defende a ideia de que as aulas de campo podem ser utilizadas em todas as disciplinas, porém, a Geografia Escolar é a disciplina mais capacitada para o desenvolvimento de tal prática, uma vez que essa, tem como objeto de estudo, a própria sociedade e sua relação com o meio.

Contudo, levar os alunos a campo para essa (re) significação da dimensão social do espaço poderia ser feito por qualquer disciplina escolar e em qualquer série. Porém, trata-se dessa dimensão social produzida e reproduzida no espaço geográfico e então, a Geografia Escolar é a disciplina que deve possuir competência construída para realizar esta atividade já que o mesmo é o seu objeto de estudo. (FIGUEIREDO, 2011, p. 17)

Ou seja, a Geografia, tanto como ciência quanto como disciplina, fundamenta-se na interação entre a ação humana em sociedade e os aspectos naturais do meio, procurando entender tal interação. Porém, sendo essa, uma ciência interdisciplinar, que busca em outros ramos científicos, elementos para melhor entender e explicar os fenômenos por ela estudados. É indispensável uma prática de ensino de geografia interdisciplinar, sobretudo, na aula de campo. Nessa concepção de ensino, Heloísa Lück (1994), define interdisciplinaridade como:

[...] o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação de disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global do mundo e serem capazes de enfrentar

os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (LUCK, 1994, p. 64).

A prática da aula de campo envolve conhecimentos disciplinares e experiências com o lugar, com o real. Uma vez que, um mesmo objeto de estudo ou fenômeno observado pode ser analisado de diversos ângulos, é fundamental que a aula de campo se desenvolva com parcerias entre a Geografia e demais disciplinas, pois cada uma delas trará para análise e discussão, um enfoque diferente sobre a realidade em comum. Porém, como afirma Pedro Demo (2001), para que a aprendizagem se concretize na prática interdisciplinar, a especificidade de cada disciplina deve ser respeitada.

Não se pode pretender que interdisciplinaridade conjugue a superficialidade do conhecimento, porquanto conhecimento mais profundo é sempre especializado. Combatemos o excesso de disciplinarização, porque estreita demais o olhar ao aprofundá-lo mais verticalmente. Mas mantém-se a necessidade de especialização, porque é o preço da profundidade. Neste sentido, a interdisciplinaridade não quer prejudicar a verticalização do conhecimento e, sim, mais alargar até onde possível sua horizontalização. [...]. Não interessa somar saberes similares, mas díspares, capazes de ver o que outros não vêem. Trata-se, pois, de somar profundidades, que poderiam iluminar a questão tanto mais. Dentro do grupo, espera-se que cada membro cumpra seu papel, ou seja, dê conta de sua especialização. O matemático espera que o sociólogo lhe traga o que a melhor sociologia possível teria a dizer e vice-versa. Faz pouco sentido um se meter a substituir o outro. Pois serão todos superficiais e banais. (DEMO, 2001, p. 135).

Dessa forma, o ensino interdisciplinar significa integrar saberes de diferentes áreas do conhecimento, integração essa que ocorre a partir da especificação de cada área ou disciplina, partindo do específico para o geral. Quando praticada nessa concepção a aula de campo atribuí, ainda mais, significados aos fenômenos estudados, pois no estudo de campo além da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula com o cotidiano dos alunos, ocorre também, a integração e contextualização dos conhecimentos adquiridos em várias disciplinas.

O estudo do meio em caráter interdisciplinar proporciona ao aluno a ampliação de sua visão de mundo, contribuindo para construção de sua percepção socioespacial, assim como, para o seu desenvolvimento crítico-reflexivo. Enquanto que, os professores envolvidos compreendem que a educação e o processo de ensino e aprendizagem se dão de forma coletiva e participativa. Onde a base da aprendizagem está no ato de ensinar, contextualizar, integrar e praticar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho apresenta como temática, a prática interdisciplinar da aula de campo no ensino de Geografia, trazendo a relevância da mesma, na construção da percepção do aluno em relação aos fenômenos espaciais e suas configurações socioeconômicas e culturais. Tendo como objeto de estudo uma aula de campo realizada na disciplina de Geografia em parceria com as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Biologia, onde o público alvo foram alunos do 1º ano e do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva, município de Fagundes.

O estudo trata-se de uma pesquisa-ação de caráter quali-quantitativo, tendo em vista que o pesquisador vivencia e tem contato direto com o objeto e com o sujeito da pesquisa. Para Pereira (2011), tal método é utilizado a fim de aproximar os conhecimentos teóricos, adquiridos na formação docente, dos problemas e fenômenos presentes na prática diária do professor, relacionados a vivência do mesmo e dos alunos. Nessa perspectiva, o docente assume, além do papel de educador, uma postura de pesquisador, investigando e refletindo sobre sua própria prática pedagógica, para assim, desenvolver ações planejadas e condizentes com o contexto educacional em os alunos estão inseridos.

Para tanto, trás como corrente metodológica a fenomenologia, que segundo Sposito (2000), de acordo com essa corrente o pesquisador utiliza “entrevistas livre, depoimentos, vivências, memórias, narrações, histórias de vida, etc.” (p. 354), para atribuir significados aos fenômenos estudados a partir da percepção do vivido, ou seja, de experiências de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Dessa forma, o trabalho baseia-se em um estudo de campo, utilizando como recurso, a aplicação de 02 questionários estruturados, sendo um dos questionários direcionado aos alunos envolvidos na aula, e o outro, direcionado aos professores que participaram da atividade pedagógica. Assim, como uma cobertura fotográfica da aula de campo, tabulação e análise dos dados adquiridos na aula e com os questionários. Além de uma pesquisa de cunho bibliográfico a respeito da temática e do objeto de estudo.

O trabalho foi desenvolvido a partir de cinco importantes etapas que se estenderam de abril a outubro do corrente ano. A primeira foi executada no mês de abril e consistiu no planejamento das atividades, assim como na elaboração do plano de aula e dos questionários, os quais apresentaram perguntas objetivas e subjetivas. Na segunda etapa, realizada entre abril e junho, procedeu-se a pesquisa bibliográfica sobre a temática abordada e o objeto de estudo.

Já na terceira etapa, foi desenvolvida a aula de campo interdisciplinar, realizada no Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio, município de Fagundes, em 27 de julho de 2014.

A quarta etapa, ocorrida em agosto, consistiu na aplicação de questionários voltados para os alunos e professores, e em seguida, na tabulação dos dados adquiridos através dos mesmos. Onde, os resultados obtidos a partir das perguntas objetivas, foram apresentados em forma de gráficos e tabelas com uma análise de caráter quantitativo, já os resultados a partir das perguntas subjetivas, foram analisados de forma qualitativa.

A quinta e última etapa, realizada entre agosto e outubro, baseou-se na análise e discussão dos resultados a partir da relação entre os dados adquiridos na pesquisa de campo e os resultados obtidos na pesquisa teórica-conceitual, incluindo nessa etapa, a revisão ortográfica e bibliográfica da pesquisa. Tal etapa é indispensável, já que ambos os resultados são de grande importância para a pesquisa, pois através deles se torna possível a compreensão e comprovação dos aspectos referentes a temática e ao objeto de estudo, sendo esses, questionados e esclarecidos ao longo do estudo.

4 A AULA DE CAMPO INTERDISCIPLINAR: O caso da Escola E. E. F. M. Joana Emília da Silva no município de Fagundes-PB

4.1 Caracterização da escola-campo

A pesquisa teve como escola-campo a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva (Figura 01), situada na Avenida Irineu Bezerra, s/n – Fagundes-PB. A mesma pertence á Rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba, vinculada à 3ª Gerência Regional de Educação (Campina Grande), funcionando nos turnos manhã, tarde e noite, com atuação nas modalidades: Ensino Fundamental II Regular, Ensino Médio Regular, Ensino Fundamental (EJA) e Ensino Médio (EJA).

Figura 01: Fachada da E. E. F. M. Joana Emília da Silva – 2014



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Tal escola é mantida pelos programas: Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), todos implementados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

A instituição educacional está interligada á políticas públicas nacionais, participando de projetos como as Olimpíadas de Matemática, Química e Língua Portuguesa, a Prova Brasil e o Bolsa Família, entre outros. Além de programas educacionais do Governo Federal como o Mais Educação, o ProJovem Urbano, e cursos de formação continuada para professores, como o SisMédio, programa direcionado para educadores do Ensino Médio.

Em relação á estrutura física da escola-campo (Quadro 01), além de 14 salas de aula, o lugar conta com um laboratório de informática, que funciona também como sala de multimídia, pois além de computadores, é composto por aparelhos de TV, DVD, retroprojektor

e Data Show, tal laboratório é utilizado no horário normal das aulas, tanto por professores quanto pelos os alunos em pesquisas; destaca-se também o laboratório de ciências com equipamentos utilizados nas disciplinas de Química, Física, Biologia e Geografia; um laboratório de robótica com equipamentos que aproximam os estudantes das inovações tecnológicas presentes no contexto global atual.

Também compõe a escola, uma ampla biblioteca, a qual tem um acervo de Geografia diversificado com livros atualizados, Atlas, enciclopédias e livros paradidáticos, os quais são organizados por séries, a mesma também conta com alguns recursos didáticos (mapas, globos, entre outros), utilizados tanto na aula e de geografia como em outras disciplinas.

Quadro 01: Estrutura física da E. E. E. F. M. Joana Emília da Silva – 2014	
Dependência	Quantidade
Diretoria	01
Secretaria	01
Sala de professores	01
Dispensa	01
Almoxarifado	01
Cozinha	01
Área de Lazer Coberta	01
Sanitário para educadores	02
Sanitários masculinos (alunos)	01
Sanitários femininos (alunas)	01
Salas de aula	14
Laboratório de Ciências	01
Laboratório de Informática	01
Biblioteca	01
Laboratório de Robótica	01
Horta Orgânica	01
Refeitório	01

Fonte: SILVA, E. E. E. F. M. Joana Emília da. Projeto Político Pedagógico. Fagundes-PB, 2014.

A escola apresenta um Projeto Político Pedagógico (PPP), compatível com as propostas do PNE, o qual é atualizado todos os anos. De acordo com o mesmo, tal instituição realiza durante seu calendário anual uma série de atividades e projetos pedagógicos, entre os quais se destaca, a Gincana Estudantil, a Mostra Pedagógica, os Simulados, os Jogos Escolares, os Plantões pedagógicos e as Aulas de Campo. Conforme o Projeto Político

Pedagógico da E. E. E. F. M. Joana Emília da Silva (2014), as aulas de campo podem ser desenvolvidas em caráter interdisciplinar ou individual, sendo elas, de fundamental importância, pois propiciam ao educando ampliação e aquisição de conhecimento, através do encontro da vivência com o conteúdo estudado, além de construir nos alunos um contexto de cidadania.

Assim, foi possível a execução da pesquisa, pois a prática da aula de campo interdisciplinar, além de já fazer parte do contexto escolar, é assegurada pelo PPP da instituição, como uma metodologia indispensável no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. O comprometimento dos professores da instituição com a aprendizagem do seu alunado, e a busca dos mesmos, por práticas pedagógicas que valorizem a coletividade, a integração entre os conhecimentos disciplinares e, o desenvolvimento crítico-reflexivo dos estudantes, possibilitou a criação de parcerias entre a Geografia e outras disciplinas.

4.2 Perfil dos alunos e professores envolvidos na aula de campo

O estudo do meio foi desenvolvida na disciplina de Geografia e contou com a participação de professores de Sociologia, História, Filosofia e Biologia (Quadro 02), apresentando como público, alunos do 1º ano e 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva.

Quadro 02: Relação de professores presentes na aula de campo e suas respectivas disciplinas – 2014	
Disciplinas	Nº de Professores
Geografia	01
Biologia	02
História	01
Filosofia	01
Sociologia	01
Total de Disciplinas: 05	Total de Professores: 06

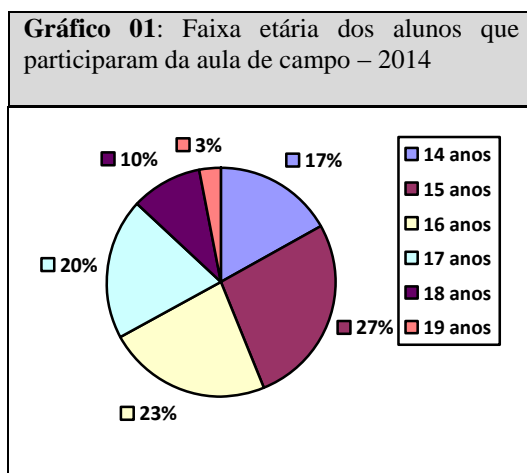
Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Uma vez que, a aula de campo foi realizada em uma manhã de domingo, dia atípico no calendário escolar, participar ou não da mesma ficou a critério dos alunos. Dessa forma, compareceram a atividade 10 (dez) alunos do 1º ano e 20 (vinte) alunos do 2º ano, somando um total de 30 (trinta) alunos (Quadro 03).

Quadro 03: Quantidade de alunos envolvidos na aula de campo e suas respectivas séries – 2014	
Séries do Ensino Médio	Nº de alunos:
1º ano	10
2º ano	20
Total de Séries: 02	Total de alunos: 30

Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

No que se refere a faixa etária dos estudantes, os mesmo apresentaram idades entre 14 (quatorze) e 19 (dezenove) anos (Gráfico 01), comprovando que a maior parte dos alunos se encontra com idade adequada para suas respectivas séries.



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

A escolha de turmas do Ensino Médio se deu em função do diálogo existente entre os conteúdos das diferentes disciplinas nas primeiras séries dessa modalidade de ensino, assim como, as possibilidades de aproximação dos mesmos, com a realidade vivenciada pelos estudantes. Já a escolha do dia em que a aula foi realizada, se deu em conjunto com professores e alunos, buscando assim, atender a disponibilidade da maioria dos envolvidos.

4.3 Caracterização do Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio

O lugar selecionado pelos educadores para realização do estudo de campo foi o Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio, principal ponto turístico de Fagundes, o qual situa-se na zona rural do município, à aproximadamente 3 km do centro da cidade, tendo como ponto central de referência, a Igreja Católica São João Batista.

O Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio, destaca-se como um dos pontos mais elevados da cidade, encontrando-se em um dos cumes da Serra do Bodopitá, à 720 m de altitude, já que este situa no compartimento da Borborema. Em relação aos aspectos naturais, o local apresenta relevo ondulado, clima semiárido e uma vegetação típica da Caatinga, sendo que, nas áreas mais elevadas, por se tratar de uma região de serras, faceasse da mata paraibana, onde destaca-se uma vegetação mista com espécies da Caatinga e da Mata Atlântica (Figuras 02 e 03).

Figura 02: Relevo ondulado e vegetação típica da Serra do Bodopitá, no planalto da Borborema, em Fagundes – 2014



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 24/07/2014.

Figura 03: Açude José Rodrigues de Freitas, município de Campina Grande-PB, visto do alto do Sítio Arqueológico – 2014



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 24/07/2014.

A escolha do Sítio Arqueológico justifica-se pelo fato do lugar ser palco é produto de manifestações populares de caráter religiosas, entre as quais se destaca A Festa da Pedra de Santo Antônio (Figura 04), realizada no mês de junho, e a Romaria do Migrante (Figura 05), realizada no mês de novembro. Portanto, a Pedra de Santo Antônio faz parte do contexto histórico, socioeconômico, político e cultural da população local, o que facilita a integração dos conteúdos disciplinares na realidade vivenciada.

Figura 04: Festa da Pedra de Santo Antônio - 2012.



Fonte: SILVA, José Wellington Farias da. 2012.

Figura 05: 16º Romaria do Migrante – 2011.



Fonte: SILVA, José Wellington Farias da. 2012.

Por se trata de um local turístico com fluxo de pessoas durante todo o ano, além de constantes atividades comerciais, o lugar passa a sofrer sérios problemas ambientais causados pelas ações antrópicas. Problemas esses, ocasionados, sobretudo, por uma série de construções desordenadas e inadequadas que prejudicam cada vez mais o lugar, entre as quais se ressaltam as edificações religiosas próximas da rocha, vários estabelecimentos comerciais no topo das encostas (Figura 06) e sobre diversos afloramentos rochosos, e uma pequena especulação imobiliária ao entorno do Sítio (Figura 07).

Figura 06: Estabelecimentos comerciais no topo das encostas – 2014.



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Figura 07: Especulação imobiliária ao entorno do Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio – 2014.

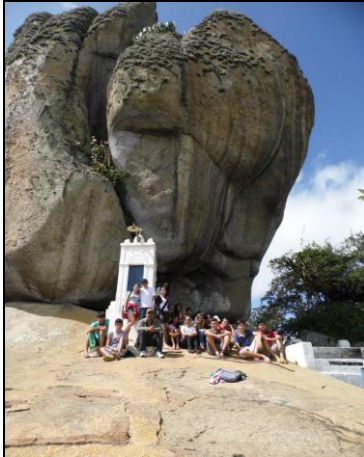


Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Em relação ao bloco rochoso, batizado de A Pedra de Santo Antônio (Figura 08), o principal elemento do lugar, constata-se que a mesma tradição cultural que o tornou conhecido, o danifica a cada ano, ou seja, conforme antigos costumes para conseguir um bom

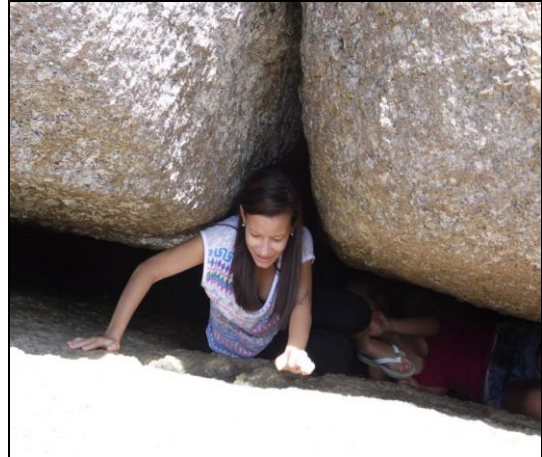
casamento os fiéis tem que passar três vezes por dentro de uma fenda em baixo da Pedra de Santo Antônio (Figura 09), pois para o Catolicismo, o Santo é visto como casamenteiro. Essa ação altera a rocha acelerando sua decomposição química e física, onde a rocha apresenta uma coloração avermelhada e marrom, distinta de sua cor original, clara acinzentada.

Figura 08: Alunos e Professores em frente a Pedra de Santo Antônio – 2014.



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Figura 09: Alunos passando por baixo da Pedra de Santo Antônio – 2014.



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Turistas e moradores vão ao local por motivos religiosos, principalmente, para o pagamento de promessas, acendem velas, levam fotos de parentes, visitam as construções religiosas próximas a Pedra, como uma capela dedicada as rezas e meditações, porém, muitos procuram o local em busca de diversão, tornando o lugar sagrado, também um espaço profano, o que explica a grande quantidade de pequenos estabelecimentos. Além das motivações religiosas e de lazer, nas últimas décadas, o Sítio Arqueológica caracteriza-se como um destino educacional, onde visitas periódicas de grupos de estudantes, professores e a realização de estudos de campo vem se tornando uma prática cada vez mais comum.

4.4 A aula de campo interdisciplinar: planejamento, prática e seus efeitos

A aula de campo ocorreu em 27 de junho de 2014, porém, antes de ir a campo, houve o planejamento das atividades, no qual, os professores se reuniram a fim de discutir sobre a escolha do lugar onde o mesmo seria desenvolvido, os principais fenômenos e aspectos a serem analisados, o enfoque que cada disciplina daria sobre eles, além de traçar metas e

objetivos que poderiam ser alcançados. Após a escolha do local, o Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio, ocorreu uma pesquisa bibliográfica sobre: espaço geográfico, cultura, turismo e meio ambiente; incluindo aspectos históricos e geográficos do lugar a ser observado. Pesquisa essa, realizada pelos alunos, sob a orientação dos educadores, incluindo na mesma, fotos do lugar em décadas passadas.

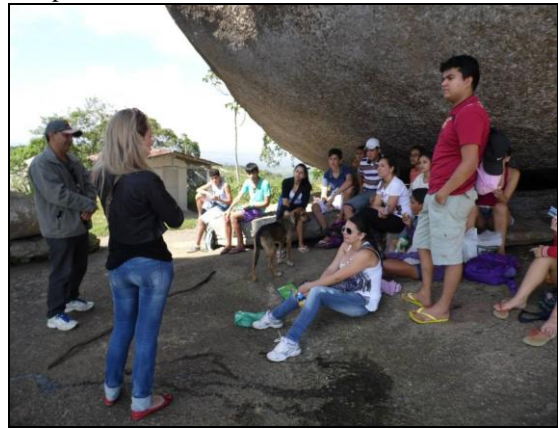
Para chegar ao Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio, alunos e professores se deslocando do centro da cidade, percorrendo uma trilha ecológica que abrange comunidades rurais do município (Figura 10). Durante a trilha, foi possível observar aspectos naturais e ecológicos, como o solo, o relevo, o clima, fauna, flora, entre outros, e a forma como a sociedade local se relaciona com meio em que vive. Chegando ao Sítio, alunos e professores analisaram os processos econômicos, socioculturais e historiográficos (Figura 11), responsáveis pela organizaram e reorganização espacial, além dos elementos locais que caracterizam o lugar com espaço sagrado e, ao mesmo tempo, ressaltaram características de práticas profanas.

Figura 10: Trilha ecológica na zona rural de Fagundes – 2014



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014

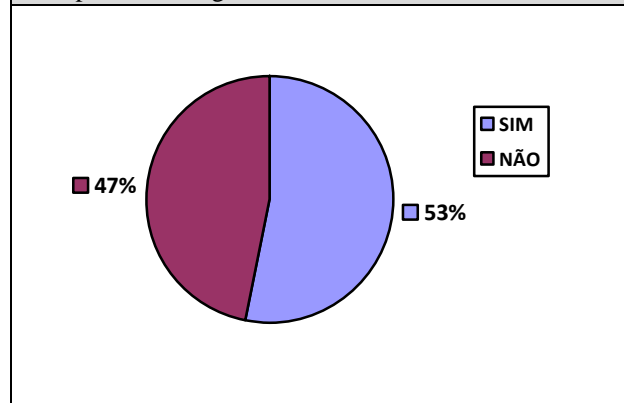
Figura 11: Alunos e professores durante a aula de campo – 2014



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014

Sobre aos alunos, ao serem questionados sobre ser a primeira vez que participaram de uma aula de campo na disciplina de Geografia, 16 (dezesseis) estudantes, o que corresponde a 53% (cinquenta e três por cento) do público alvo, responderam que SIM, enquanto que 14 alunos, correspondendo a 47% (quarenta e sete por cento), alegaram NÃO (Gráfico 02).

Gráfico 02: Percentual de alunos em relação a ser a primeira vez que participam de uma aula de campo na disciplina de Geografia – 2014



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

De acordo com as informações acima, a aula de campo mostra-se como um método inovador no ensino de Geografia, uma vez que, a maior parte dos estudantes nunca tinha participado de um estudo de campo nessa disciplina. Porém, demonstram que tal prática é algo comum entre uma parcela dos estudantes, pois o percentual de diferença entre os alunos que já participaram e os que nunca tinham participado de uma aula de campo, foi de apenas 6% (seis por cento).

Dos 14 (quatorze) alunos que já tinham participado de aulas de campo na disciplina de Geografia, todos alegaram que as outras aulas também se desenvolveram de forma interdisciplinar, ou seja, os dados afirmam, também, que a interdisciplinaridade no ensino de Geografia não é uma metodologia desconhecida por grande parte dos estudantes. Ainda sobre esse aspecto, os mesmos relataram que durante o estudo de campo ficou nítida a inter-relação entre as disciplinas envolvidas, porém, a especificidade de cada uma delas foi valorizada, pois a partir de cada disciplina surgem diferentes percepções sobre o mesmo objeto analisado ou conteúdo debatido.

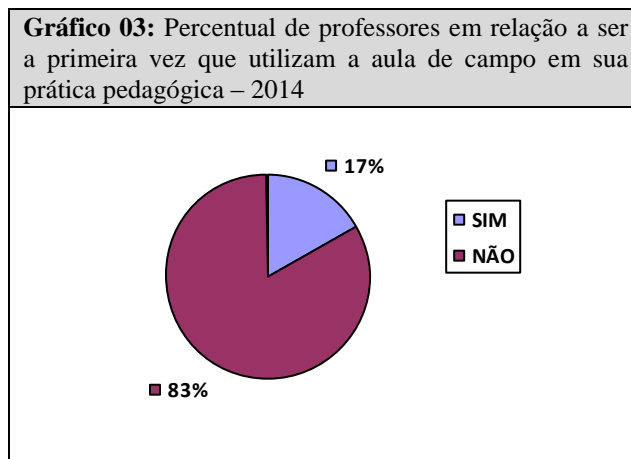
“Nas disciplinas um assunto puxa o outro, acredito que a junção delas contribuiu muito para o aluno entender melhor cada conteúdo comentado na aula de campo”. (Estudante do 1º ano do Ensino Médio, feminino, 15 anos).

“Foi interessante, pois os conteúdos das diferentes disciplinas se complementam”. (Estudante do 1º ano do Ensino Médio, masculino, 14 anos).

“Achei bem integrado, as disciplinas se relacionaram, pois para entender os fenômenos as vezes precisávamos dos conhecimentos de Biologia, outras vezes dos conhecimentos de Geografia e outras matérias, e vice-versa”. (Estudante do 2º ano do Ensino Médio, feminino, 16 anos).

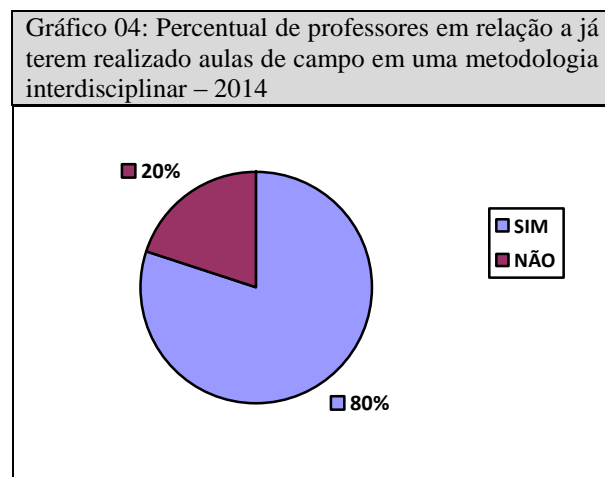
“Cada professor explicava algo diferente em sua disciplina, sobre o mesmo assunto”. (Estudante do 2º ano do Ensino Médio, masculino, 17 anos).

No que diz respeito aos professores envolvidos na aula, ao serem questionados sobre ser a primeira vez que utilizavam a aula de campo como ferramenta pedagógica, 17% (dezessete por cento), o que corresponde a 01 (um) educador, respondeu que SIM, enquanto que 83% (oitenta e três por cento), correspondendo a 05 (cinco) professores, alegaram que NÃO (Gráfico 03). Assim, os dados comprovam que, a aula de campo apresenta-se como um método conhecido e desenvolvido pela maior parte dos educadores, mas que, ainda se mostra uma prática inovadora para parte dos profissionais.



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Dos 05 (cinco) professores que já utilizaram a aula de campo em sua prática docente, 80% (oitenta por cento), referente a 04 (quatro) educadores, alegaram que em outras ocasiões desenvolveram tal método de forma interdisciplinar, enquanto que 20% (vinte por cento), o que corresponde a apenas 01 (um) professor, ressaltou que nunca tinha trabalhado o estudo de campo nessa perspectiva (Gráfico 04).



Fonte: SILVA, José W. F. da. Pesquisa de campo, 27/07/2014.

Dessa forma, a interdisciplinaridade está presente na prática pedagógica de boa parte dos educadores entrevistados e, conforme seus relatos, o ensino interdisciplinar além de fortalecer o elo entre professores e disciplinas, isso porque as diferentes áreas do conhecimento se completam, contribuiu para construção de um ensino participativo e integrado, a fim de proporcionar ao alunado uma aprendizagem mais concreta e eficaz.

“Com a prática interdisciplinar os alunos compreendem que a aprendizagem ocorre por meio da relação entre os diferentes conceitos estudados nas diferentes disciplinas, as quais se encaixam como peças do mesmo quebra-cabeça”. (Professor de Geografia).

“Através da interdisciplinaridade foi possível integrar conteúdos de disciplinas diferentes e favorecer a interação entre professores e alunos, contribuindo, portanto, para que o processo de ensino e aprendizagem se tornassem significativos”. (Professora de Sociologia).

“A interdisciplinaridade proporciona experiências de grande relevância para o aprendizado mútuo, as aulas de campo, nessa perspectiva, são sempre momentos singulares de interação e aprendizagem espontânea e coletivo”. (Professora de Filosofia).

“A interdisciplinaridade é um elo entre o entendimento das disciplinas nas suas mais variadas áreas do conhecimento”. (Professora de Biologia).

Sobre a contribuição da aula de campo interdisciplinar na construção da percepção socioespacial, os estudantes relataram que tal prática foi de fundamental importância para o desenvolvimento da aprendizagem, uma vez que, possibilitou a relação entre os conteúdos e conceitos estudados em sala de aula com os elementos e fenômenos espaciais observados.

“Ao longo do percurso e da aula realizada os professores foram explicando cada fenômeno observado e os conteúdos aplicados já explicados na sala de aula, isso contribuiu para aprimorar o meu conhecimento”. (Estudante do 1º ano do Ensino Médio, feminino, 15 anos).

“Não entendi alguns conteúdos estudados em sala de aula, mas com a oportunidade de ter ido a aula de campo, eu pude entendê-los de forma mais clara”. (Estudante do 1º ano do Ensino Médio, masculino, 14 anos).

“Na aula de campo foi possível observar de forma prática tudo aquilo que é estudado em sala de aula”. (Estudante do 2º ano do Ensino Médio, feminino, 16 anos).

“Os fenômenos espaciais observados estavam bem relacionados aos conteúdos teóricos”. (Estudante do 2º ano do Ensino Médio, masculino, 17 anos).

Para os professores, o estudo de campo trabalhado nessa perspectiva além de contribuir para construção da percepção socioespacial, também proporcionou o

desenvolvimento crítico-reflexivo dos estudantes, já que esses, não apenas observaram, mas questionaram e refletiram sobre a realidade dos fenômenos, formulando assim seus próprios conceitos.

“O estudo de campo perpassa as fronteiras da escola, permitindo a construção do conhecimento de forma prática, onde o aluno tem a oportunidade de perceber o espaço como um todo e, ao mesmo tempo, os subespaços e suas particularidades”. (Professor de Geografia).

“Através da aula de campo, os alunos ampliaram seus conhecimentos, conseqüentemente, alargaram sua visão de mundo, expressaram suas emoções diante dos fenômenos estudados e na sua relação com o meio de modo a contribuir para uma formação humana integral”. (Professora de Sociologia).

“A partir das exposições foram surgindo questionamentos, colocações de pontos de vista, favorecendo a reflexão e reorganização das ideias e crenças a cerca das narrativas populares a respeito do local.” (Professora de Filosofia).

“As atividades de campo permitem ao aluno sair das limitações do livro didático para observar a realidade e seus contextos, como forma de sensibilização, contribuindo para aumentar a curiosidade e o prazer pelas descobertas de novos saberes.” (Professora de Biologia).

A prática interdisciplinar do estudo do meio, ao colocar os alunos como sujeitos do processo de aprendizagem, dando a esses, a liberdade de praticar aquilo que aprenderam em sala de aula, além de proporcionar a transformação de suas impressões e percepções sobre a realidade, não apenas observada, mas vivenciada, em conhecimento, agregou aos estudantes novas experiências e novos conhecimentos, mesmo a aula sendo desenvolvida em um lugar que já fizesse parte do cotidiano dos mesmos.

“Nessa aula de campo pude conhecer e aprender várias coisas novas, mesmo sendo na minha cidade, eu não as conhecia”. (Estudante do 1º ano do Ensino Médio, feminino, 15 anos).

“Na aula de campo vi o lugar de uma forma mais ampla e aprofundada”. (Estudante do 1º ano do Ensino Médio, masculino, 14 anos).

“Na aula de campo houve a socialização das coisas que estudamos na escola”. (Estudante do 2º ano do Ensino Médio, feminino, 16 anos).

“Estudar só a teoria não é a mesma coisa de poder tocar e observar para ter certeza de que, realmente, aquilo existe”. (Estudante do 2º ano do Ensino Médio, masculino, 17 anos).

O estudo de campo aproximou os conteúdos das diferentes disciplinas com a realidade dos alunos e professores, pois, entre outros aspectos, foi realizado em um lugar familiar aos

envolvidos e, dessa forma, as experiências com o meio, foram considerados como elementos importantes na construção do conhecimento. Experiências essas, que precisam ser levada para dentro da sala de aula, sejam elas vivenciadas pelos alunos ou pelo próprio professor, pois, quando associadas aos conhecimentos teóricos, tornam a aprendizagem um processo significativo para ambas as parte, ou seja, tanto para quem ensina como para quem aprende.

O ensino, sobretudo o de Geografia, ganha significados, pois, os alunos percebem que os conceitos apresentados na aula estão diretamente ligados as informações, elementos e fenômenos presentes no seu dia-a-dia. As dificuldades e limitações dos alunos em aprender, ou do professor em ensinar, continuam coexistindo, porém, ambas podem ser superadas, uma vez que, a aprendizagem e o ensino se entrelaçam em um processo contínuo onde, não apenas se incluem saberes científicos, mas também, noções e percepções dos sujeitos, mesmo sendo elas baseadas no senso comum. Isso torna o ensinar e aprender atividades prazerosas, pois se ensina e se aprende para a vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio que, aprende-se melhor quando contextualizamos aquilo que estamos em sala de aula no nosso cotidiano, a pesquisa abordou o papel da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem, destacando sua contribuição na construção da percepção do aluno em relação ao espaço vivido. E Enfatizando a importância da mesma, como uma atividade de caráter interdisciplinar, uma vez que, a Geografia busca nas outras disciplinas elementos que contribuam para análise dos elementos por ela estudados. Além de proporcionar, aos alunos, diferentes visões sobre um mesmo objeto de estudo ou conteúdo.

Uma vez que, a aula de campo é utilizada pelos professores como método didático, conclui-se que o papel da mesma no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no ensino de Geografia, é indispensável no que se refere a percepção dos alunos em relação ao espaço de sua vivência, contribuindo para espacialização dos fenômenos estudados e para contextualização dos mesmos no cotidiano dos estudantes, sendo de fundamental importância, trabalhar a aula de campo em uma caráter interdisciplinar.

Sendo assim, a pesquisa teve como objeto de estudo a aula de campo desenvolvida na disciplina de Geografia e em parceria com demais disciplinas, realizada em julho do corrente ano, no Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio em Fagundes-PB, que contou com a participação de alunos do 1º ano e do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Joana Emília da Silva. No estudo de campo foram ressaltados os aspectos culturais de cunho religioso locais, que associados ao modo de produção capitalista, destacam-se como os principais motivadores da produção e organização espacial do local, dessa forma, os estudantes constataram que as necessidades da população local e dos visitantes em termos culturais, socioeconômicas, políticas e ambientais, que vão surgindo ao longo do tempo, indicam a forma como a sociedade organizou e reorganiza o lugar.

Durante a atividade ficou nítido o diálogo entre as disciplinas, fazendo com que alunos e professores compreendessem que, no âmbito educacional, as questões geográficas, históricas, socioculturais, biológicas e afins, se entrelaçam e constituem em uma trama complexa, a qual recai sobre a prática pedagógica em sala de aula. Nesse contexto, a aula de campo associada a interdisciplinaridade proporcionou aos alunos a assimilação, inter-relação e absorção dos conteúdos disciplinares ministrado em sala de aula, uma vez que esses, foram constatados nos fenômenos observados ao longo do estudo de campo.

Contudo, para que tal prática ocorra, é fundamental e indispensável um planejamento pedagógico também interdisciplinar da aula a ser desenvolvida, estando esse, de acordo com o planejamento escolar, ou seja, é necessário que o professor se prepare, entenda, seja seguro e ciente do que vai ensinar, para quem vai ensinar, como vai ensinar, e principalmente, qual a finalidade do seu ensino, o qual ocorre não de forma individual, mas, coletiva. E, sobretudo, por se tratar de um ensino transformador voltado para formação de cidadãos, o professor deve considerar, em seu planejamento, o fato de que ensinar não apenas conteúdos, mas também, valores.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRABANT, Jean Michel. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p.15 – 23.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: _____; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. (Org.) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 13 – 83.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 66 – 77.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas.** 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008: 15 - 47.

_____. **Região e Organização Espacial.** São Paulo: Editora Ática, 1987.

COSGROVE, Denis E.; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003: 135 - 146.

DEMO, Pedro. **Saber pensar.** 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

FIGUEIREDO, Pedro Henrique de Oliveira. **O trabalho de campo na geografia escolar como estratégia para a percepção da dimensão socioespacial do real.** Centro Universitário UNA, 2011, p. 108. (Dissertação do Programa de Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local).

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

OLIVEIRA, Christian; SOUZA, Raimundo. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 35, n. 1, 2009: 195 - 209. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 26 de mar. de 2014.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI,

Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.) **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 153-181.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 187 - 224.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Livraria Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SERPA, Ângelo. O Trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. In: **Boletim Paulista de Geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros (Org.). São Paulo: Xamã Editora, 2006, p. 07 – 24.

SILVA, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da. **Projeto Político Pedagógico**. Fagundes-PB, 2014.

SILVA, José Wellington Farias da. **O espaço geográfico como produto das manifestações socioculturais: o caso do Sítio Arqueológico Pedra de Santo Antônio município de Fagundes-PB**. Campina Grande, UEPB, 2012, 53 p. (Monografia para Graduação em Licenciatura Plena em Geografia).

SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E. de; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Org.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand: FAPERJ, 2000, p. 347 – 359.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

WAGNER, Philip L.; MIKESSELL, Marvin W. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 27 - 61.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário I: Direcionado aos alunos envolvidos na aula de campo interdisciplinar.

01. Idade: _____

02. Série: () 1º ano do Ensino Médio () 2º ano do Ensino Médio

03. Sexo: () MASCULINO () FEMININO

04. Essa foi a primeira vez que você participou de uma aula de campo na disciplina de Geografia? () SIM () NÃO

05. Se caso sua resposta no item 03 foi Não, as outras aulas de campo que você participou foram realizadas de forma interdisciplinar (parceria entre a Geografia e outras disciplinas)?
() SIM () NÃO

06. Por meio da aula de campo foi possível relacionar os elementos e fenômenos espaciais observados, aos conceitos e conteúdos estudados em sala de aula? () SIM () NÃO

Justifique – se: _____

07. A aula de campo contribuiu na construção de sua percepção espacial em relação a realidade observada? () SIM () NÃO

Justifique - se: _____

08. Durante a aula de campo interdisciplinar ficou nítida a inter-relação entre as disciplinas envolvidas? () SIM () NÃO

Justifique – se: _____

APÊNDICE B

Questionário II: Direcionado aos professores envolvidos na aula de campo interdisciplinar

01. Disciplina: _____ 02. Sexo: () MASCULINO () FEMININO

03. Essa foi a primeira vez que utilizou a aula de campo em sua prática pedagógica?
() SIM () NÃO

04. Se caso sua resposta no item 03 foi Não, as outras aulas de campo que você realizou apresentaram um caráter interdisciplinar? () SIM () NÃO

05. Durante a aula de campo, a interdisciplinaridade proporcionou a inter-relação entre as disciplinas envolvidas, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem?

() SIM () NÃO

Justifique - se: _____

06. Qual a importância da aula de campo, no que se refere, a contextualização dos conteúdos disciplinares no cotidiano local? () SIM () NÃO

Justifique – se: _____

07. Por meio da aula de campo, foi possível relacionar os elementos e fenômenos espaciais observados, aos conceitos e conteúdos estudados em sala de aula?

() SIM () NÃO

Justifique - se: _____

08. A aula de campo contribuiu para construção da percepção socioespacial e para o desenvolvimento crítico-reflexivo dos alunos envolvidos? () SIM () NÃO

Justifique – se: _____
